

O recinto muralhado de Chão de Galego (Montes da Senhora, Proença-a-Nova): contextualização e problemática.

PAULO FÉLIX

JOÃO CARLOS CANINAS

FRANCISCO HENRIQUES

CÁTIA MENDES

Membros da AEAT – Associação de Estudos do Alto Tejo e investigadores do Projeto Mesopotamos (Povoamento do 5º ao 1º milénio a.C. entre o Tejo e o Zêzere na atual Beira Baixa)

RESUMO: Uma das linhas de investigação que tem assumido um interesse cada vez maior por parte dos arqueólogos e pré-historiadores nos últimos anos é o da identificação, caracterização e interpretação dos recintos circunscritos, qualquer que seja a forma e estrutura do tipo de confinamento utilizado, com maior ou menor materialidade e visibilidade para nós, investigadores, ou para quem os viu e utilizou na época em que funcionavam. Apresentamos, neste trabalho, os primeiros resultados das escavações realizadas no recinto muralhado de Chão de Galego (Proença-a-Nova), enquadradas no âmbito do Projeto Mesopotamos e do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN). Este é um entre tantos outros sítios conhecidos no distrito de Castelo Branco com cronologias compreendidas entre o final da Idade do Bronze e os inícios da Romanização, mas, ao mesmo tempo, tão singular devido aos problemas de caracterização e interpretação que nos são colocados.

PALAVRAS-CHAVE: Recintos; Idade do Bronze; Idade do Ferro.

1. Introdução

O recinto muralhado de Chão de Galego localiza-se junto do lugar de Chão de Galego, na freguesia de Montes da Senhora, concelho de Proença-a-Nova e distrito de Castelo Branco. Situa-se no setor mais elevado da Serra das Talhadas, uma das cristas formada por rochas da Formação do Quartzito Armoricano, por vezes associadas a xistos do Silúrico, que atravessam o centro de Portugal com diversas orientações. A crista emerge, com bastante imponência, por entre os terrenos metassedimentares do Neoproterozoico que

constituem a esmagadora maioria do substrato geológico presente no município de Proença-a-Nova, bem como da chamada Superfície de Castelo Branco, grande unidade geomorfológica e tectónica que se desenvolve entre as falhas do Ponsul, a sul, e as falhas que condicionam o levantamento da Cordilheira Central, a norte e noroeste (Fig. 1 e 2).

As rochas do complexo metassedimentar encaixante pertencem ao Supergrupo Dúrico-Beirão (Oliveira et al., 1992): esta grande unidade, antes referida como Complexo Xisto-Grauváquico, é de idade comprovadamente ante-ordovícica e é composta, genericamente, por depósitos sedimentares de fácies turbidítica, tanto distais como proximais, de composição de amplos leques submarinos, pontualmente sedimentos de bacias restritas de pouca profundidade em ambiente continental ou flúvio-marinho, acumulados numa ampla bacia marinha entre o Neoproterozoico e os inícios do Paleozoico, c.

FIG.1. Localização do recinto muralhado de Chão de Galego. As estruturas muralhadas estão identificadas com as notações “Mn” e “Ms”. Fontes: Mapa de la Península Ibérica e Islas Baleares (disponível em linha em http://tp.revistas.csic.es/public/journals/1/tp_mapa2010.jpg, consultado a 3 de novembro de 2016); extrato da Carta Militar de Portugal, escala 1:25000, fl. 290 – Sobreira Formosa (Proença-a-Nova).

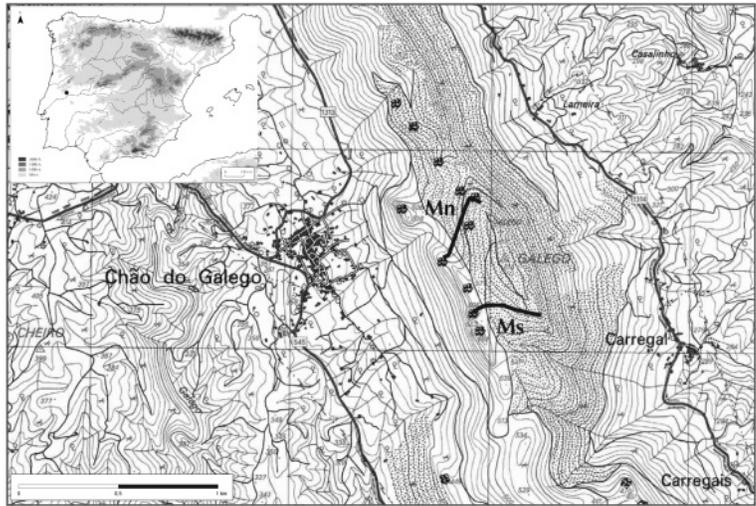
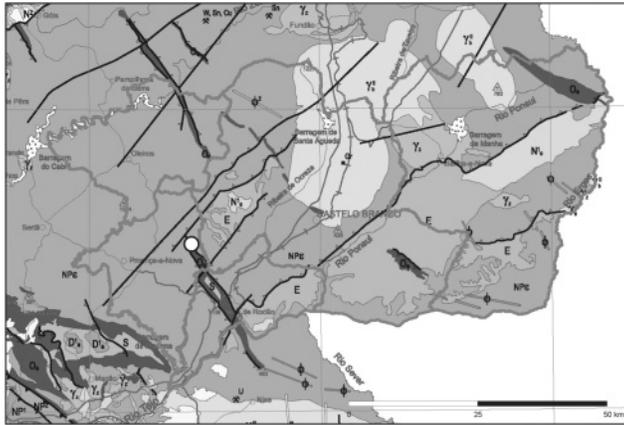


FIG.2. Contexto geológico do recinto muralhado de Chão de Galego. Fonte: extrato da Carta Geológica de Portugal, escala 1:1000000, edição de 2010, com adição dos contornos dos municípios que são objeto de investigação no âmbito do projeto MESOPOTAMOS.



565 a 500 Ma, no final do ciclo orogénico cadomiano, associando-se, por isso, à abertura do oceano Rheic (Silva, 2005a; Ribeiro et al., 2007; Neto de Carvalho e Rodrigues, 2012).

Em discordância angular sobre as formações metassedimentares, sobressai o sinclinal varisco de Vila Velha de Ródão (Methodiev et al., 2009), que se estende desde a zona da Catraia Cimeira (Proença-a-Nova), a norte, até à região de S. Simão (Nisa), a sul. É uma estrutura geológica e geomorfológica de primeira ordem que corresponde, em linguagem mais comum, à crista quartzítica que conforma a Serra das Talhadas ou S. Miguel. Trata-se de uma sucessão de unidades depositadas durante o Ordovícico e o Silúrico que se inicia com uma sequência quartzítica de mais ou menos 80 metros de espessura (a Formação do Quartzito Armoricano, do Ordovícico Inferior), sobreposta por cerca de 400 metros de pelitos, siltitos, meta-arcoses, meta-arenitos e quartzitos que vão, cronologicamente, até aos inícios do Silúrico Superior.

O sinclinal apresenta-se bastante afetado pela tectónica, associada sobretudo aos movimentos variscos, visíveis nos cavalgamentos que limitam os bordos sudoeste e nordeste da unidade e na extensa fracturação transversal, com desligamentos que, mais tarde, serão capturados pela orogenia alpina. Os efeitos da última orogénese são bem visíveis no comando apresentado, da ordem dos 200-250 metros em praticamente toda a extensão do sinclinal, especialmente no seu flanco nordeste.

2. Caracterização e História da Investigação

O recinto muralhado de Chão de Galego é conhecido localmente sob a designação de “Estrada” ou “Calçada dos Mouros”, associando-se a narrativas populares muito comuns em território nacional que atribuem estes sítios muralhados de altura de cronologia pré-romana invariavelmente a época islâmica. É este o topónimo que consta na base de dados de inventário do Património Arqueológico “Endovélico”, da responsabilidade da Direção Geral do Património Cultural, por força do registo efetuado em 2000 por João Carlos Caninas, aquando da realização dos trabalhos de caracterização da situação de referência do descritor Património do Estudo de Impacte Ambiental da Barragem de Rabacinas (Proença-a-Nova), que lhe é próxima. Foi-lhe atribuído o Código Nacional de Sítio n.º 15666.

A referência à Estrada dos Mouros pode ser recuada até aos inícios da década de 1930 (Catharino, 1933: 223). Já na década de 1980, o anúncio da realização da Festa da Cereja na aldeia de Chão de Galego, em junho de 1984, rezava assim: “Visite-nos! Além de apreciar a boa Cereja da Região, conhecer a Buraca da Moura e a Estrada da Moura, descubra a Cidade Céltica e as Murallas Envolventes. DIVIRTA-SE e aumenta a sua cultura Arqueológica com pontos de vista de grande interesse na Festa das Cerejas” (Henriques e Caninas, 1986; Henriques et al., 2016: 443). Nos finais do século passado, outros investigadores noticiam a presença de um “provável castro” na serra próxima a Montes da Senhora (Batata, Gaspar e Batista, 1999: 29; Silva, 2005b: 83, n.º 118) e o seu reconhecimento vem documentado num relatório não publicado da responsabilidade de membros da Associação de Estudos do Alto Tejo (Henriques, Caninas e Cardoso, 1999). Este “provável castro” foi

inventariado no “Endovélico” com o CNS 26729, mas corresponde, sem qualquer dúvida, à ocorrência arqueológica de que nos ocupamos neste relatório.

Após os grandes incêndios de 2003, que consumiram grande parte da crista quartzítica na área da aldeia de Chão de Galego, João Carlos Caninas, Francisco Henriques e outros elementos da Associação de Estudos do Alto Tejo fizeram uma prospeção mais intensiva e em melhores condições de visibilidade da zona de implantação do recinto, campanha que resultou na recolha de importante informação para a caracterização deste sítio localizado no ponto mais elevado da Serra das Talhadas. Foram, então, registadas duas linhas de amuralhamento com cerca de 400 metros de extensão cada que unem as duas cristas de quartzitos ordovícicos que formam os bordos nordeste e sudoeste do sinclinal, extremamente escarpados, desenvolvendo-se as estruturas entre as cotas de 520 e 590 metros. Foram também documentadas outras eventuais estruturas de origem antrópica a su-sudoeste da linha amuralhada meridional e recolheu-se um seixo de quartzito achatado com entalhes laterais, de tipologia que é geralmente interpretada como tendo função de pesos de rede ou de tear.

O recinto de Chão de Galego pode ser definido como um espaço sensivelmente trapezoidal limitado pelas referidas linhas amuralhadas, registadas como “muralha norte” (Mn) e “muralha sul” (Ms). Os bordos ocidental e oriental do recinto são constituídos por “muralhas naturais”, embora em alguns troços do bordo oriental esse efeito não seja tão evidente por força de diferentes condições de exposição do substrato rochoso. No total, calculou-se um perímetro de cerca de 2000 metros para o recinto, que circunda uma área de pouco mais de 20 hectares. São estimativas realizadas sobre ortofotografia, sendo necessários trabalhos de campo específicos para calcular com maior precisão os valores apontados.

As duas “muralhas” foram atravessadas por caminhos florestais que, especialmente no caso na estrutura setentrional, provocaram cortes que permitiram a leitura da composição estrutural em perfil parcial em dois pontos do seu desenvolvimento, um dos quais veio a ser intervencionado na campanha de 2015. A “muralha sul” sofreu a imposição direta de um caminho em praticamente toda a sua extensão, com exceção das suas extremidades.

No topo da crista ocidental, sobre afloramentos, a su-sudoeste da “muralha sul”, detetaram-se dois locais com derrubes que poderiam corresponder a estruturas de vigilância ou com outro tipo de funcionalidade ainda por investigar. A “estrutura 1” (E1) é um derrube volumoso situado no intervalo entre dois afloramentos, onde, na parte superior do derrube, se observaram duas estruturas compostas por muros de pedra seca definindo uma esquina. A “estrutura 2” (E2) ocupa igualmente uma fenda entre dois afloramentos rochosos, no topo da mesma crista. Ali observou-se uma plataforma regularizada com pedra solta que comportava alinhamentos de pedra a fazer a contenção sobre a encosta leste. Estas eventuais estruturas ainda não puderam ser visitadas, devido à intensa cobertura vegetal que a zona apresenta.

Nas proximidades, existe uma cavidade horizontal aberta no substrato quartzítico conhecida como Buraca da Moura (CNS 28164), igualmente associada a lendas relativas ao distante passado mourisco, que deverá tratar-se de galeria de antiga exploração de mineralizações de ferro (Henriques,

Caninas e Cardoso, 1999; Henriques et al., 2011b: 14; Neto de Carvalho e Rodrigues, 2012: 191, 204-205), talvez não anterior a época romana.

De referir, igualmente, a ocorrência de registos de arte rupestre na envolvente de Chão de Galego (Henriques et al., 2011b): o primeiro situa-se junto da Buraca da Moura, o segundo afastado cerca de 4500 metros para sul relativamente ao recinto muralhado, junto das Portas do Almourão, na margem direita do rio Ocreza. São loci de arte rupestre em abrigos naturais, na modalidade de pintura não figurativa a vermelho. Finalmente, Fernando Patrício Curado (2004: 83) situava nesta zona uma das hipóteses de localização da Torre de Dárdola, construção que assinalaria uma das extremas da propriedade dos Hospitalários em 1194.

3. Sumário dos trabalhos realizados em 2015

A intervenção arqueológica no recinto muralhado de Chão de Galego foi realizada no âmbito do desenvolvimento do projeto de investigação plurianual (PIPA) “Povoamento do 5º ao 1º milénio a.C. entre o Tejo e o Zêzere na atual Beira Baixa (MESOPOTAMOS)”, vigente para o período 2015-2019. Este projeto, que reúne distintas valências científicas, pretende caracterizar e estudar a evolução e os ritmos do povoamento da Pré-História Recente e da Proto-História num setor da região compreendida entre os rios Zêzere e Tejo que corresponde, grosso modo, à Comunidade Intermunicipal da Beira Baixa (CIMBB), sem menosprezar a necessária transposição da informação histórica e arqueológica construída para as populações locais através de estratégias de comunicação de diversa índole. Uma das estratégias posta em funcionamento ainda antes da vigência do MESOPOTAMOS concretizou-se na implementação do Campo Arqueológico Internacional de Proença-a-Nova (CAPN), que enquadra logística e financeiramente a parte da investigação realizada no território municipal de Proença-a-Nova, mas que é, paralelamente, o veículo que permite a ligação entre a investigação aplicada e



FIG.3. Localização dos setores intervencionados na campanha de 2015 sobre ortofotografia. Fonte: Google Earth™, fotografia datada de 30 de maio de 2015.

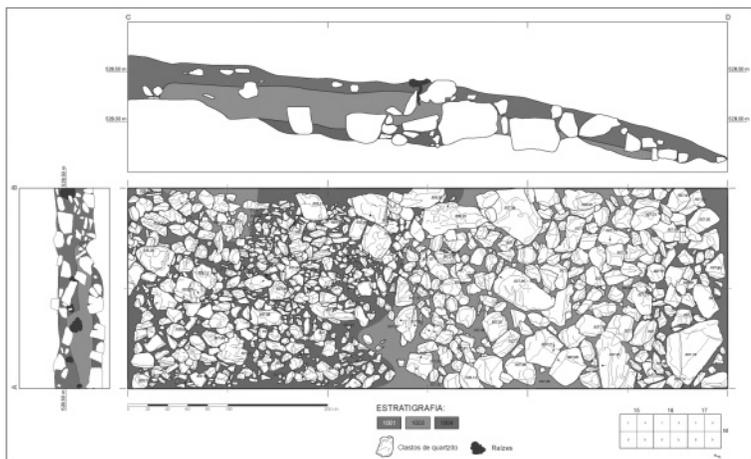
os diferentes públicos-alvo que dela têm que beneficiar.

Como objetivos específicos assinalados para a campanha de 2015, apontámos a caracterização arqueográfica do recinto muralhado, tanto nos seus aspetos estruturais, como cronológico-culturais e o seu registo adequado através do levantamento topográfico das estruturas de fortificação identificadas, incluindo os derrubes designados E1 e E2 (Fig. 3). Pretendia-se, igualmente, prevenir eventuais efeitos negativos de ações que pudessem contribuir para danificar os vestígios patrimoniais em consequência da abertura de novos caminhos, abate do coberto vegetal, nova florestação, aumento da afluência humana ao miradouro do vértice “Galego” e integração do local em percursos pedestres controlados. Neste sentido, entende-se que a melhor forma de proteger ativamente um registo patrimonial é conhecê-lo e dá-lo a conhecer.

3.1. O Setor 1

O Setor 1 foi implantado sobre a “muralha norte”, numa zona aplanada, mas com ligeiro declive no sentido do espaço exterior do recinto, de forma a interetar transversalmente o desenvolvimento da estrutura amuralhada. Os objetivos fundamentais da abertura deste corte consistiam na recolha de dados sobre as características estruturais essenciais da “muralha norte”, tais como a sua largura, altura, componentes, técnica de construção, materiais utilizados, etc., para além da recolha de informação que permitisse datar a época de construção e, por consequência, a cronologia de ocupação/funcionamento do recinto. Os dados de natureza cronológica poderiam assumir tanto a forma de artefactos datáveis através de métodos de cronologia comparada convencional, como de amostras suscetíveis de serem datadas mediante métodos físico-químicos. Foi escavado um corte com 6 por 2 metros (Fig. 4 e 5). Desde o início da desmontagem dos sedimentos nesta sondagem que se verificou uma grande diferença de concentração de clastos na sua metade sul, o que nos alertou para a possibilidade de nos encontrarmos já no espaço

FIG.4. Planta e perfis estratigráficos finais da campanha de 2015 no Setor 1.



interno do recinto, o que parece ter-se confirmado com o decorrer da escavação. Sob pouco mais de uma dezena de centímetros de potência da UE 1001, no quadrado M15 e parte meridional de M16 apareceu um depósito com características distintas do anterior e da unidade registada na metade norte da sondagem. Esta última constituía uma unidade construída formada por clastos de quartzito de tamanho seixo e bloco, angulosos e subangulosos, que se apresentavam imbricados, com os de menor tamanho aparentemente confinados a espaços definidos pelos de maior calibre, por forma a dar coesão à estrutura. Esta unidade (UE 1002) corresponde ao núcleo pétreo da estrutura amuralhada.

Na parte interna da sondagem, imediatamente por debaixo da UE 1001, surgiu um depósito castanho-amarelado com poucos clastos (UE 1003) e, debaixo deste, um outro depósito muito similar ao anterior, apenas com alteração cromática substancial, pois apresentava-se bastante mais escuro (UE 1004). Esta unidade foi parcialmente escavada até ao topo de um depósito



FIG.5. Vista de sul para norte da sondagem do Setor 1 no final da campanha de 2015. Fotografia: Paulo Félix.

pétreo claramente estruturado, com características distintas das observada na UE 1002: era composto por um módulo de clastos de menor tamanho médio, muito imbricados, o que parecia sugerir poder tratar-se de um pavimento ou, eventualmente, base de pavimento de um circuito interno ou passadiço existente no espaço interno do recinto, logo atrás da estrutura amuralhada. Esta interpretação ficou dependente de posterior confirmação através da sua desmontagem, trabalho que não foi realizado em 2015. Finalmente, devemos fazer referência à total ausência de artefactos registados e recolhidos quer em escavação, quer em prospeção superficial. Esta ausência não se ficou a dever a uma menor atenção prestada aos sedimentos retirados da sondagem durante o processo de escavação, pois todos os baldes foram crivados sistematicamente em crivo de malha de três milímetros até cerca de metade da campanha, altura em que se adotou uma estratégia de crivação escalonada.

3.2. O Setor 2

O Setor 2 localizou-se na zona mais elevada do espaço do recinto, numa área com declive suave para ocidente, liberta de afloramentos em grande parte da superfície e próxima da quebra de pendente que configura o início da encosta oriental da serra (Fig. 6). As razões que presidiram à escolha desta localização prendiam-se fundamentalmente com a possibilidade da deteção de estruturas de habitação. Por razões de alocação de recursos, apenas foi escavada uma sondagem com cerca de 6 m², não tendo sido documentada qualquer estrutura ou artefacto. A escavação atingiu a rocha do substrato a pouco mais de 0,40 metros de profundidade (Fig. 7). Esta base natural mostrava sinais de ter sido extensivamente alterada em tempos relativamente recuados (a avaliar pelo nível de sedimentação entretanto acumulado), talvez para extração de pedra (eventualmente utilizada na construção das estruturas

FIG.6. Vista da marcação da malha para a intervenção no Setor 2. Fotografia: Paulo Félix.



amuralhadas) ou, hipótese que terá que ser investigada com mais profundidade, desmonte associado a atividade mineira ainda não identificada, mas possível face a indícios que apontam para a existência de mineralizações de ferro e/ou ouro nestas formações ordovícicas que pudessem ter suscitado o interesse de populações do passado.

3.3. O Setor 3

O Setor 3 corresponde ao corte exposto na “muralha norte” pela abertura de um caminho florestal (Fig. 8). Tratando-se de um perfil com alguma exposição horizontal (pouco mais de 12 metros) e vertical (cerca de dois metros de altura máxima), perspetivou-se a sua limpeza e regularização com dois objetivos principais em mente: a) contribuir para a caracterização da estrutura da “muralha”; b) criar um alvo suscetível de valorização patrimonial e turística, pois situa-se em pleno percurso pedestre da rota “Viagem pelos Ossos da Terra”. A intervenção foi realizada sobre uma malha montada no perfil exposto por forma a cobrir, em largura, o máximo possível da área afetada pela abertura do estradão. Tal como nos demais setores, a malha foi constituída por quadrados de 2 por 2 metros, subdivididos em quatro quadrados de um metro de lado cada, se bem que, neste caso, não se tivesse realizado uma desmontagem convencional, na horizontal. Restringiu-se a um processo de limpeza e regularização sem, contudo, se procurar tornar o perfil vertical devido à necessidade de preservar a sua estabilidade. Durante a efetivação deste processo, não foram documentados nem recolhidos materiais arqueológicos. Embora não se tenha procedido ao registo de unidades de estratificação de forma convencional, podemos, a partir das observações realizadas durante a intervenção e da leitura do perfil restituído, assinalar que este troço da “muralha norte” consiste num grande aterro em forma de terraço



FIG.7. Vista da sondagem do Setor 2 após finalização da sua escavação. Fotografia: Paulo Félix.

com talude em rampa, utilizando-se na sua edificação blocos e calhaus de diversas formas, obtidos localmente, e misturados com terra. São visíveis dois níveis essencialmente terrosos que entremeiam horizontes pétreos, que deverão corresponder a depósitos intencionais e não a testemunho de momentos de abandono temporário da “muralha” ou a hiatos na sua construção (Fig. 9).

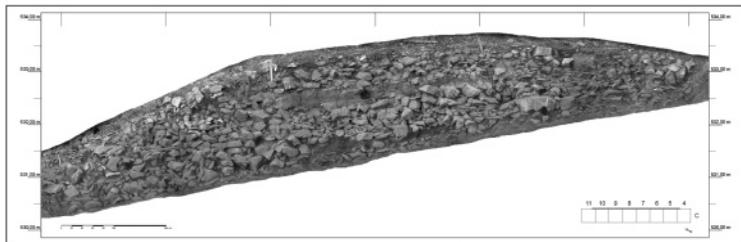
4. Contextualização e discussão preliminar

Na campanha de escavações arqueológicas de 2015 do recinto muralhado de Chão de Galego foram realizadas intervenções em três setores, dois, muito próximos um do outro, incidindo sobre a linha da chamada “muralha norte” (Setores 1 e 3), o terceiro numa área livre de afloramentos, mais ou menos aplanada, junto da quebra de pente do bordo oriental da serra, na sua zona mais elevada (Setor 2). Neste último foram tão somente documentadas prováveis evidências de trabalhos de desmonte do substrato geológico, incluindo rocha em afloramento, com dois intuítos possíveis, mas não mutuamente exclusivos: a) extração de pedra para a construção das estruturas

FIG.8. O corte do Setor 3 durante o processo de limpeza e regularização. Fotografia: Paulo Félix.



FIG.9. Restituição fotogramétrica do perfil do corte do Setor 3 a partir de modelo 3D realizado com fotografia digital multiangular sobreposta tratada informaticamente e apoio de pontos georreferenciados. Fotografia: Paulo Félix; restituição fotogramétrica: Hugo Pires; composição final: Paulo Félix.



amuralhadas; b) extração de recursos mineralizados depositados em alguns dos níveis dos depósitos sedimentares metamorfizados do Ordovícico e/ou associados a fluidos quárcicos. Nas sondagens dos Setores 1 e 3 procedeu-se ao registo de características específicas do sistema de construção utilizado, em tudo compatível com o que conhecemos na elaboração de estruturas amuralhadas do final da Pré-História e Proto-História na região centro de Portugal (Batata, 2006; Félix, 2006; 2014; Delfino et al., 2014). Com os dados de que dispomos até ao momento, apontamos para uma estrutura em forma de aterro misto de clastos de quartzito e terra, em forma de terraço com talude em rampa, talvez rematado com pequeno muro pétreo não argamassado ou, eventualmente, paliçada de madeira.

Somos da mesma opinião expressada por Davide Delfino (2016), com quem, aliás, temos vindo a discutir aspetos relativos ao sistema de povoamento proto-histórico no Médio e Alto Tejo, de que estas “muralhas” parecem ser aquilo que, na realidade, não são nem nunca foram, construções idealizadas para sustentar ataques diretos. Estes grandes aterros com talude em rampa de vários metros de desnível mimetizariam quase na perfeição grandes muralhas verticais quando vistas de longe, servindo, acima de tudo, como instrumentos de uma estratégia dissuasória, inibindo os potenciais atacantes da realização de ataques frontais potencialmente desastrosos. Neste contexto geográfico e para os inícios do primeiro milénio antes da nossa era, estaríamos ainda a alguns séculos de distância das primeiras investidas militares com milhares de soldados bem treinados, enquadrados nas campanhas de conquista das legiões da República Romana. Mesmo admitindo a participação de contingentes militares fenícios com guerreiros indígenas nas operações de violência organizada, estas ter-se-iam resumido a razias e escaramuças contra populações desprotegidas ou não abrigadas que se correlacionariam com partidas para a captura de escravos e que, por isso, envolveriam grupos de reduzida dimensão. No entanto, admitimos que são possíveis outras razões de ser e interpretações para explicar a edificação destas estruturas que não necessariamente as de cariz militar, mas associadas a funções mais simbólicas e político-ideológicas para a utilização destes recintos. Este tipo de funções poderia estar mais de acordo com um facto arqueográfico de enorme importância, já antes mencionado: a quase completa



FIG.10. Seixo rolado achatado com entalhes laterais recolhido junto da “muralha sul”, no cruzamento de caminhos, em 2003. Fotografia: João Carlos Caninas.

ausência de artefactos no interior destes mais ou menos 20 hectares de área circunscrita pelo recinto. Com efeito, com exclusão do seixo de quartzo com entalhes laterais (“peso de rede”) representado na Fig. 10, recolhido junto da “muralha sul”, e de algumas dezenas de vasos cerâmicos de perfil troncocónico utilizados para a recolha de resina, não se registou qualquer outro artefacto. A ausência de materiais indicativos da realização de atividades do quotidiano doméstico, que são comuns nos loci ditos de “habitat”, pode sugerir, igualmente, que o recinto muralhado foi construído para servir de refúgio temporário para onde as populações das vizinhanças se dirigiam em momentos de maior instabilidade militar, não carregando consigo outros pertences que não fossem o seu gado.

No entanto, nesta fase da investigação, podemos construir outras “histórias” para este troço da Serra das Talhadas, “histórias” que envolveriam diferentes momentos e propósitos de utilização deste espaço, talvez separando a construção e usufruto do recinto de eventuais atividades mineiras. Estas poderiam relacionar-se com a exploração de mineralizações metálicas, tal como já referimos anteriormente. A ocorrência de mineralizações de associações “AU-As (ouro-arsénio), Au-Sb (ouro-antimónio), W-Sn (volfrâmio-estanho) e Pb-Zn (chumbo-zinco) é comum nas formações de metassedimentos e metavulcanitos datados do Neoproterozoico ao Carbonífero Inferior na Zona Centro-Ibérica (Ribeiro e Pereira, 1982; Lourenço, 2002; Mateus e Noronha, 2010). As três primeiras associações relacionam-se estreitamente com as fases tardias da orogenia varisca e a concomitante instalação de batólitos de rochas granitoides e ascensão de fluidos magmáticos-hidrotermais pelas zonas de fratura e cisalhamento. A última é hoje comumente tida como correlativa da orogenia alpina, por vezes através da reativação de fraturas variscas. Para além das mineralizações de controlo estrutural, existem ainda mineralizações devidas a pré-concentrações nos níveis sedimentares paleozoicos que podem ter sido remobilizadas pela tectónica ou terem permanecido disponíveis em camadas posteriormente desmanteladas e reestruturadas em depósitos sedimentares mais modernos, de idade cenozoica, e que deram origem, por exemplo, ao ouro aluvionar explorado nas concheiras de época romana (Batata, 2011; Henriques et al., 2011a). Neste setor da Serra das Talhadas, uma eventual exploração mineira ter-se-ia realizado nas modalidades de stockwerk e de desmonte de jazidas estratiformes (Domergue, 1990: 28-29), ambas modalidades compatíveis com a exploração a céu aberto. Não existem, de momento, vestígios de trincheiras, galerias ou poços, mas essa ausência pode ser motivada por um fenómeno de invisibilidade provocado pela cobertura vegetal e pela insuficiência de investigação dirigida especificamente a esse fim. Este será um dos objetivos fundamentais da continuação do estudo do espaço do recinto nos próximos anos.

Falta-nos, por outro lado, documentação arqueográfica essencial para uma melhor compreensão deste sítio, fosse qual fosse a sua função ou funções ao longo da sua história de utilização: não há artefactos cerâmicos, pétreos ou metálicos, com exceção do já referido “peso de rede”. Não os há para documentar uma ocupação de tipo “habitat”, permanente, semipermanente ou ocasional, uma utilização como centro cerimonial ou similar, nem artefactos ou construções associáveis a um uso como coto mineiro a céu aberto. Os

artefactos e construções deste tipo, tão comuns em explorações mineiras de época romana, como martelos, almofarizes, mós, utensílios metálicos e cerâmicas, estão totalmente ausentes até ao momento. Este facto poderá, pelo menos em teoria, levar-nos a descartar uma cronologia de época romana para este sítio. Talvez a única tentativa de exploração mineira realizada pelos romanos se tenha concretizado na abertura da galeria da Buraca da Moura, situada na base da crista de quartzitos situada a nor-noroeste da “muralha norte”. De momento, não nos resta muito mais do que perspetivar a continuação da investigação para se lograr uma compreensão mais adequada da história deste sítio arqueológico, que envolverá, inevitavelmente, a colaboração de outros especialistas. Já foi feita referência à necessidade de continuar a prospeção da área do recinto e das suas proximidades, sobretudo com o intuito de avaliar de forma mais detalhada o tipo e extensão dos trabalhos que se realizaram neste espaço ao longo da diacronia. Por outro lado, no plano estritamente arqueológico, será dada prioridade ao alargamento da intervenção da sondagem do Setor 1 por forma a cobrir a rampa exterior e a definir a natureza dos depósitos situados na parte interna do recinto, no confronto com a “muralha”.

Referências bibliográficas

- Batata, C. (2006). *Idade do Ferro e Romanização entre os rios Zêzere, Tejo e Ocreza*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Batata, C. (2001). Mineração antiga em Portugal: uma visão genérica, da Idade do Bronze à Época Romana. In: Batata, C., (coord.) *Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*. Abrantes: Ed. Autor, p. 25-56.
- Batata, C., Gaspar, F., Batista, A. (1999). O ineditismo do 1º milénio a. C. da bacia hidrográfica do rio Zêzere no contexto da arqueologia proto-histórica nacional. In: *Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, Vol. 3, p. 25-35.
- Catharino, M. A. (1933). *Concelho de Proença-a-Nova (monografia)*. Proença-a-Nova: Câmara Municipal de Proença-a-Nova.
- Curado, F. P. (2004). A Martim Calvo e aos povoadores do Fundão. *Eburobriga*, 2, p. 77-115. Fundão.
- Delfino, D. (2016). Walled enclosures in Western Europe as marks of conflict in Late Prehistory: a psychological, anthropological and archaeological approach. In: *Late Prehistory and Protohistory: Bronze Age and Iron Age*. Proceedings of the XVII UISPP World Congress (1-7 September 2014, Burgos, Spain). Oxford: Archaeopress, p. 3-13.
- Delfino, D., Cruz, A., Graça, A., Gaspar, F., Batista, A. (2014). A problemática das continuidades e descontinuidades na Idade do Bronze do Médio Tejo português. In: Lopes, S. S., (coord.). *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. Tomar: Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, p. 147-201 [disponível em linha: http://www.cph.ipt.pt/download/AntropeDownload/1_2014Serie%20Monografica/1_2014SMantrope.pdf, consultado a 25 de junho de 2016].
- Domergue, C. (1990). *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité Romaine*. Roma: École Française de Rome.

- Félix, P. (2006). *O final da Idade do Bronze e os inícios da Idade do Ferro no Ribatejo Norte (Centro de Portugal): uma breve síntese dos dados arqueográficos*. Coimbra. 45, p. 65-92.
- Félix, P. (2014). Para uma aproximação às dinâmicas de transformação das sociedades da Idade do Bronze entre o Zêzere e o Atlântico (dos inícios do II aos inícios do I milénio a.n.e.). In: Lopes, S. S., (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. Tomar: Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, p. 203-249 [disponível em linha: http://www.cph.ipt.pt/download/AntropeDownload/1_2014Serie%20Monografica/1_2014SMantrope.pdf, consultado a 25 de junho de 2016].
- Henriques, F., Caninas, J. C. (1986). Nova contribuição para a Carta Arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (2). *Preservação*. Vila Velha de Ródão. 7.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J., Cardoso, J. (1999). *Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova* - Projecto ALTEJO. Associação de Estudos do Alto Tejo [não publicado].
- Henriques, F., Batata, C., Chambino, M., Caninas, J. C., Cunha, P. P. (2011a). Mineração aurífera antiga, a céu aberto, no centro e sul do distrito de Castelo Branco. In: Batata, C., (coord.) *Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*. Abrantes: Ed. Autor, p. 215-246.
- Henriques, F., Chambino, M., Caninas, J. C., Pereira, A., Carvalho, E. (2011b). Pinturas rupestres pré-históricas na Serra das Talhadas (Proença-a-Nova): primeira notícia. *Açafa* on-line. Vila Velha de Ródão. 4 [disponível em linha: http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Pinturas_rupestres_na_serra_das_Talhadas.pdf, consultado em 25 de junho de 2016].
- Henriques, F., Caninas, J., Monteiro, M., Félix, P., Pereira, A., Mendes, C., Carvalho, E. (2016). Arqueologia de Proença-a-Nova: estado dos conhecimentos. In: *Atas do II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco*. Castelo Branco: Sociedade dos Amigos do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, p. 439-466.
- Lourenço, A. (2002). *Paleofluidos e mineralizações associadas às fases tardias da orogenia hercínica*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto [dissertação de doutoramento em Geologia, não publicada; disponível em linha: https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9798/5/4751_TD_01_P.pdf, consultado em 29 de junho de 2016].
- Mateus, A., Noronha, F. (2010). Sistemas mineralizantes epigenéticos na Zona Centro-Ibérica: expressão da estruturação orogénica meso- a tardi-varisca. In: Cotelo Neiva, J.M., Ribeiro, A., Victor, M., Noronha, F., Ramalho, M. *Ciências Geológicas: ensino, investigação e sua história*. Lisboa: Associação Portuguesa de Geólogos, vol. 2, p. 47-61.
- Metodiev, D., Romão, J., Dias, R., Ribeiro, A. (2009). Sinclinal de Vila Velha de Ródão (Zona Centro-Ibérica, Portugal): litostratigrafia, estrutura e modelo de evolução da tectónica varisca”. *Comunicações Geológicas*. Lisboa. 96, p. 5-18.
- Neto de Carvalho, C., Rodrigues, J. (2012). Património Geológico de Proença-a-Nova: caracterização e gestão no âmbito do Geopark Naturtejo. *Açafa* on-line. Vila Velha de Ródão. 5, p. 178-230 [disponível em linha: http://www.altotejo.org/acafa/docsn5/patrimonio_geologico_proenca_nova.pdf, consultado em 25 de junho de 2016].
- Oliveira, J., Pereira, E., Piçarra, J., Young, T., Romano, M. (1992) - *O Paleozóico*

- Inferior de Portugal: síntese da estratigrafia e da evolução paleogeográfica*. In: Gutiérrez-Marco, J. C., Saavedra, J., Rábano, I., eds. Paleozoico Inferior de Ibero-América. Badajoz: Universidad de Extremadura, p. 359-375.
- Ribeiro, A., Pereira, E. (1982). Controlos paleogeográficos, petrológicos e estruturais na génese dos jazigos portugueses de estanho e volfrâmio. *Geonovas*. Lisboa. 1:3, p. 23-31 [disponível em linha: <http://hdl.handle.net/10400.9/2420>, consultado em 29 de junho de 2016].
- Ribeiro, A., Munhá, J., Dias, R., Mateus, A., Pereira, E., Ribeiro, L., Fonseca, P., Araújo, A., Oliveira, T., Romão, J., Chaminé, H., Coke, C., Pedro, J. (2007) - *Geodynamic evolution of the SW Europe Variscides*. *Tectonics*. Washington D.C.. 26 [disponível em linha: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1029/2006TC002058/epdf>, consultado em 25 de junho de 2016].
- Silva, A. F. (2005a) *Litostratigrafia e estrutura do Supergrupo Dúrico-Beirão (Complexo Xisto-Grauváquico), em Portugal, e sua correlação com as correspondentes sucessões em Espanha*. Alfragide: Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial.
- Silva, R. C. (2005b) *Génese e transformação da estrutura do povoamento do I milénio a.C. na Beira Interior*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra [dissertação de Mestrado em Arqueologia, não publicada].